

## Potencialidades do Cinema no Combate ao Bullying Homofóbico: O Letramento Queer no Espaço Escolar

**Robéria Nádia Araújo Nascimento**

Doutorado em Educação, Universidade Estadual da Paraíba  
Docente, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil  
[rnadia81@gmail.com](mailto:rnadia81@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0002-1806-0138>

**Janailson da Silva Costa**

Graduação em Biologia, Universidade Estadual Vale do Acaraú  
Docente, Secretaria Municipal de Educação, Esperança, PB, Brasil  
[janailsonth@gmail.com](mailto:janailsonth@gmail.com) <https://orcid.org/0009-0006-5967-9515>

### Resumo

O texto visa apresentar uma proposta didático-pedagógica para o letramento queer a partir do uso do cinema em sala de aula. O objetivo é discutir estratégias de combate ao bullying homofóbico na escola (Street, 2014) a partir da sugestão de duas narrativas fílmicas para reflexão e debate do tema em sala de aula. São elas: Hoje eu quero voltar sozinho (Brasil, 2014) e o filme belga, Close (Bélgica, 2022). Do ponto de vista conceitual o enfoque se fundamenta na pedagogia queer (Louro, 2013) e no cinema como recurso pedagógico pertinente para discussão do bullying homofóbico (Tadeu, 2021). A revisão de literatura desenvolvida aponta que o letramento queer, via apropriação de filmes, pode contribuir de maneira significativa para uma escola que forma cidadãos conscientes das diferenças alertando, sobretudo, para as graves consequências das intolerâncias na vida social e no processo civilizatório.

*Palavras-chave:* Escola; Bullying Homofóbico; Cinema; Letramento Queer.

### Abstract

The text aims to present a didactic-pedagogical proposal for queer literacy based on the use of cinema in the classroom. The objective is to discuss strategies to combat homophobic bullying at school (Street, 2014) based on the suggestion of two film narratives for reflection and debate on the topic in the classroom. They are: Today I want to go back alone (Brazil, 2014) and the Belgian film, Close (Belgium, 2022). From a conceptual point of view, the focus is based on queer pedagogy (Louro, 2013) and on cinema as a relevant pedagogical resource for discussing homophobic bullying (Tadeu, 2021). The developed literature review points out that queer literacy, via film appropriation, can contribute significantly to a school that forms citizens aware of differences, alerting, above all, to the serious consequences of intolerance in social life and in the civilising process.

*Keywords:* School; Homophobic Bullying; Movie Theatre; Queer Literacy.

## Introdução

A partir dos estudos sobre letramentos sociais e escolares (Street, 2014) podemos entender que muitos dos constructos que compõem as personalidades dos adolescentes na ambiência educativa decorrem de suas relações extra escola. Isto é, os espaços da formação familiar, diversas vezes, são permeados por pensamentos preconceituosos e discriminatórios que não reconhecem as diferenças da vida social. Valores de ordem religiosa, por exemplo, podem influenciar a convivência expressando atitudes de intolerância.

Neste cenário, a escola reflete as questões de intolerância social sendo atravessada por conflitos e preconceitos, oriundos de um sistema patriarcal que se fundamenta na hegemonia do masculino. Conseqüentemente, são comuns no ambiente escolar expressões de bullying homofóbico que traduzem as discriminações em relação aos diferentes.

Por outro lado, as diretrizes curriculares atrelam a escola a um ensino tradicional que ocorre de maneira verticalizada sem ênfase às questões de bullying e de intolerâncias. Diante desta realidade, os docentes são impelidos a desenvolver estratégias de combate às discriminações. Dessa forma, norteados pelos letramentos sociais e escolares (Street, 2014) e pelos saberes da pedagogia queer (Louro, 2013), destacamos o cinema como recurso pedagógico no combate ao bullying homofóbico (Tadeu, 2021). Partimos do pressuposto de que as narrativas fílmicas oferecem potencialidades para a discussão dessa temática auxiliando a desconstrução de preconceitos no ambiente escolar.

Diversas manifestações de violência são contabilizadas nas escolas, porém o destaque ao bullying homofóbico é aqui privilegiado pelas graves ocorrências de agressões, tanto de ordem física e/ou psicológica, que geralmente são repetidas por longos períodos, e nas quais se evidencia um desequilíbrio de poder entre agressores e vítimas, cujas influências perversas são notadas desde a infância. Muitas crianças sofrem rejeições e abusos, e na adolescência as violências em torno das diferenças são até mesmo fatores de desistência da escola. No Brasil, dados do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE) em 2021 mostraram que a prática do bullying ameaça o cotidiano escolar. De acordo com o levantamento, aproximadamente 23% dos estudantes contaram ter sido vítimas e alvos constantes de provocações feitas por colegas. Confundido por brincadeiras ou insultos, o bullying nada tem de engraçado exigindo intervenções no ambiente escolar. As instituições educativas não são preparadas para lidarem com questões que, muitas vezes, são originadas no contexto familiar dos estudantes. Por isso, os docentes, que partilham a sala de aula com diferentes grupos, têm a responsabilidade de desenvolver modos de enfrentamento do problema, o que se constitui num desafio, que passa, principalmente, pela prevenção e informação sobre as diferenças que constituem a sociodiversidade no debate das consequências das intolerâncias para a vida coletiva no processo de formação civilizatória.

Outras abordagens sobre o bullying homofóbico seriam possíveis, mas aqui evidenciamos e defendemos o letramento queer, que se coaduna com o pensamento de uma pedagogia queer, cuja proposta é pensar a educação sob uma perspectiva não essencialista, não fundamentalista e não normatizadora no que tange à sexualidade e suas expressões. A pedagogia queer tem como objetivo introduzir no currículo escolar outros saberes, outras vozes, outros corpos e outras discursividades (Louro, 2013 e Silva, 2011) para o entendimento das singularidades das pessoas. Acreditamos, então, que a apropriação de filmes pode favorecer o letramento queer no ambiente escolar promovendo uma educação diferenciada e plural, que estimula o estudante ao debate e à aprendizagem de temáticas relevantes para a vida em sociedade (Kochhann et al 2016).

Nesta perspectiva, são sugeridos como recursos pedagógicos os filmes: Hoje eu quero voltar sozinho (Brasil, 2014) e o filme belga, Close (Bélgica, 2022). Embora as produções sejam ficcionais, a violência nas escolas, retratadas nessas narrativas, é um fato comum em distintas sociedades. Ambas as produções estão disponíveis na plataforma de streamings NETFLIX, o que torna sua utilização acessível entre docentes e estudantes. Como o cinema reflete contextos vivenciados pelos espectadores, as representações são colocadas a serviço do reconhecimento do público, em razão da verossimilhança. Nesse sentido, a correspondência com o mundo real amplia as possibilidades de identificação e empatia permitindo aos alunos posturas de se colocar no lugar do outro valorizando o respeito ao próximo com suas diferenças.

Lembramos que a apropriação de filmes na sala de aula requer um planejamento pedagógico para que os momentos de exibição não se limitem a meros recursos de entretenimento. Assim, a atuação docente deve ser estruturada de modo a colaborar para a formação dos estudantes ratificando os potenciais destes instrumentos para a aprendizagem social dos discentes e a expansão de suas visões críticas sobre as problemáticas abordadas.

Diante do exposto, este texto busca defender o letramento queer, através da apropriação do cinema como estratégia de combate ao bullying homofóbico, considerando esse aprendizado relevante para a construção de diálogos que trabalhem pela superação de preconceitos e contribuam para a conscientização das diferenças em meio à diversidade social.

Com esse propósito, as três seções articuladas abordam o bullying homofóbico na escola, o letramento queer e o cinema, a fim de propor o uso de filmes como recurso oportuno à violência escolar. O intuito é colaborar para uma prática docente que conscientize sobre os males da intolerância no curso do processo civilizatório.

## **O bullying homofóbico na escola**

Antes de aprofundarmos a análise do bullying homofóbico, convém destacar que a palavra tem origem anglo-saxônica e representa as práticas de violência e vitimização entre pares. O prefixo *bully* denota característica associada à pessoa “valentona”, e o sufixo *ing* significa uma ação contínua. No ambiente escolar as ocorrências são notadas com mais ênfase nos intervalos das aulas, momentos em que os alunos estão mais próximos e encontram maior espaço para brincarem, bem como, também, expressarem gestos ou palavras de agressividade contra os colegas. As ofensas geralmente começam em tom de brincadeiras, que logo avançam para graves insultos. Os estudantes afetados costumam se isolar afastando-se dos encontros em grupos, o que traz grandes prejuízos às sociabilidades. São menosprezados características físicas, comportamentos afeminados, crenças religiosas ou traços inerentes às etnias.

As atividades recreativas possuem grande importância no desenvolvimento psicossocial e motor das crianças, assim como são oportunidades de interações para adolescentes e jovens. Entretanto, tais momentos são relegados à compreensão de

intervalo para alunos e professores como algo propício à falta de regras. Ou seja, como é sinônimo de pausa e “liberdade” para além das normas de ensino das salas de aula, não nos apercebemos da importância do poder educativo destes espaços, “pois não há atividades dirigidas, zonas atrativas, nem supervisão capaz de dar resposta às necessidades dos alunos” (Sousa et. All, 2011, p. 34). Dessa forma, as crianças e adolescentes inventam suas próprias brincadeiras que podem resultar em práticas de insultos e hostilidades entre iguais.

Como alguns docentes relativizam essas manifestações, fazem vista grossa para seus efeitos ou não dão importância às questões envolvidas, “na escola, o fenômeno bullying, muitas vezes, é identificado pelos profissionais da educação como algo que faz parte do momento da criança em forma de meras brincadeiras infantis” (SOUSA, et al, 2011, p.35). Contudo, a literatura especializada vem reforçando a importância da atenção a esses tipos de comportamento agressivos dos grupos com a finalidade de prevenir danos psicológicos aos estudantes vitimados por essas práticas, pois, além de provocarem o isolamento social, ainda podem ocasionar revides que ampliam a violência e os afastamentos.

Dentre as ações agressivas, o bullying homofóbico vem sendo detectado como grave problema em diversas instituições de ensino, sejam públicas ou privadas. Entretanto, atos cruéis e intimidadores entre alunos ou grupos maiores, por vezes, caracterizados por ataques físicos, contato pessoal, discussões ou brigas corriqueiras acabam reverberando em situações mais graves, como abandono da escola e, em casos mais extremos de interiorização da homofobia, podem levar as pessoas ao suicídio (António et al., 2012).

Portanto, observamos a necessidade de ajustes nas metodologias educacionais que sejam capazes de formatar um modelo de formação com foco nas subjetividades e no diálogo aberto e franco com os estudantes sobre o contexto da diversidade. Nesses termos, é preciso que a escola assuma sua função social de apoio à construção da consciência humana para promover uma educação de sensibilidade e acolhimento às diferenças tendo em vista a materialização dos direitos humanos.

Permitir que prática do bullying homofóbico seja silenciada ou simplesmente ignorada foge a esse modelo de formação humana. Assim, entender como essas violências operam no ambiente escolar é tarefa indispensável para os educadores.

Sabemos que das interações surgem os conflitos, e esses, por vezes, podem culminar em violências. Existem várias formas de agressão/violência, as de ordem física - ocasionada com socos, chutes, pontapés ou empurrões. E as violências verbais, que são os apelidos vexatórios, as humilhações em razão das características físicas ou comportamentais. Ainda existe o bullying relacional, aquele que ocorre quando uma criança ou adolescente faz tentativas de aproximação dos grupos na escola, mas são ignorados. Por último, destacamos o cyberbullying, modalidade em que as agressões são feitas por meios eletrônicos, através de mensagens com xingamentos e ofensas em redes sociais, o que expande a proporção das ameaças e dos constrangimentos, gerando até mesmo ações na justiça por danos morais ou medidas protetivas para as vítimas.

Na verdade, o bullying homofóbico “[...] é um tipo de bullying motivado pela orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida da vítima” (UNESCO, 2013, p.11). Trata-se de um problema que avança de forma global e que viola direitos de estudantes e professores, além de interferir na capacidade de muitos discentes de alcançar uma educação de boa qualidade. O silenciamento das vítimas, que de maneira abrupta são censuradas nos espaços coletivos, constrói um processo de dominação que coloca o indivíduo homossexual como um ser inferior, sem direito de reconhecimento (Ferrari, 2011). Outra consequência mencionada no relatório da UNESCO (2013) é a violação aos direitos humanos e ao direito à educação.

Numa sociedade patriarcal, que incentiva a hegemonia do masculino, os estudantes aprendem muito cedo a ridicularizar o próximo, caso ele não se adeque ao padrão de gênero e sexualidade arraigados pela cultura heteronormativa. Como afirma, Louro (2010a):

De uma forma observada e consentida na escola, a homofobia vai se infiltrando nos contatos interpessoais expressando-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição das pessoas ao ridículo e às agressões. Como se a homossexualidade fosse uma doença contagiosa, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com os sujeitos homossexuais, já que a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. O resultado é [...] um apartheid sexual, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar nos/das homossexuais, como pelos/as próprios/as (Louro, 2010a, p. 29).

Assim, trata-se de uma realidade que está presente na escola em inúmeros contextos, mesmo que de maneira velada, pois alguns comportamentos e regras existentes acabam gerando e incentivando atitudes dicotômicas de gênero e sexualidade entre os grupos. O simples fato de se referir na escola a algo como “coisa” de menino ou “coisa” de menina, ou estimular brincadeiras exclusivas para o feminino ou o masculino, abre espaço para atitudes de segregação.

Em consonância ao pensamento de distinção e exclusão dos diferentes, o bullying homofóbico afeta todos os educandos “não enquadrados” no padrão social heterossexistas, constituindo-se um dos tipos de importunação social mais comuns no ambiente escolar. Diante disso, defendemos a importância de se pensar em estratégias e recursos didáticos que se mostrem pertinentes para abordar tal temática na escola. O debate e a reflexão sobre as causas e a origem destas manifestações agressivas podem se mostrar importantes ferramentas no combate à intolerância nas instituições de ensino contribuindo para uma mudança nas mentalidades.

Contudo, debater e refletir sobre a intolerância no ambiente escolar não se apresenta como tarefa simples, por muitos motivos, seja pela pluralidade dos contextos educacionais, seja pela falta de formação docente, ou até mesmo pela disponibilidade do professor de abordar essa temática, porque alguns manifestam na sala de aula os preconceitos que eles mesmos aprenderam no espaço social. Fazemos nossas as palavras de Borrillo (2010), quando afirma que são essenciais ações pedagógicas que viabilizem a compreensão de que a homossexualidade é uma manifestação do pluralismo, e, por isso, é tão legítima quanto a heterossexualidade. Mas, para que ações aconteçam, é necessário fomentar iniciativas.

Partindo deste viés, e apontando um direcionamento que pode colaborar com a prática pedagógica, é que buscamos levar para a sala de aula informações sobre a homossexualidade de forma plural, no sentido de promover o debate e o respeito às diferenças. Portanto, a realidade de quem sofre homofobia não pode ser silenciada, pois essa violência é comum e traduz a dor da intolerância de sexualidade ou gênero no cotidiano escolar. Com a pretensão de abordar o tema, escolhemos as produções cinematográficas como recursos pedagógicos a fim de discutir o bullying homofóbico na sala de aula.

Para propor o uso do audiovisual no combate à intolerância de sexualidade e gênero, escolhemos duas obras fílmicas, uma do cinema internacional e outra de produção nacional. São elas: Hoje eu quero voltar sozinho (Brasil, 2014) e Close (Bélgica, 2022). No próximo tópico, apontaremos uma breve sinopse de cada uma delas para ratificar os seus potenciais didático-pedagógicos.

## O Bullying Homofóbico Nas Produções Cinematográficas

Segundo Street (2014) devemos entender os letramentos como um conceito plural considerando-se a diversidade de alternativas para se aprender. Ou seja, é preciso se ater às diferentes realidades existentes na escola, uma vez que o ambiente educativo reflete os conhecimentos formados fora do ambiente escolar. Cabe à escola e aos seus integrantes pensar novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Pensando nisso, é que podemos enxergar no cinema um importante recurso para fomentar diálogos a respeito do bullying homofóbico na escola provocando novos saberes e partilhando conhecimentos. Por este motivo, podemos afirmar que “a experiência estética que o cinema nos proporciona também nos educa a sensibilidade, o olhar, e nos ajuda a perceber o mundo” (Míguez, 2021, p.56).

Diante do exposto, podemos agora nos debruçar a entender, como as produções cinematográficas podem potencializar e contribuir para inserção de debates e conscientização da homofobia na escola. Para isto, é importante entender como os filmes retratavam em suas narrativas, as personalidades queers, que hoje sofrem violência e discriminação pela sociedade.

Nos primórdios das produções cinematográficas, as narrativas audiovisuais traziam em seus roteiros a figura do homossexual como caricato, estereotipado, corriqueiramente fadado a comicidade, ou envolvendo perversidade e/ou psicopatia. Essas abordagens eram pretextos para alimentar estereótipos no espaço social que até hoje persistem. Mas, apesar disso, atualmente, há uma visível alteração na forma de tratar a homossexualidade nas representações fílmicas, o que Lacerda Júnior (2015) considera ser fruto das políticas afirmativas e de representação da diversidade sexual.

A partir desta nova roupagem que ganharam as tramas filmicas, com narrativas que humanizam as trajetórias de personagens LGBTQIAPN+<sup>23</sup>, elencamos, aqui, duas obras que julgamos pertinentes para uso didático. A primeira produção com grande potencial para discussão do bullying homofóbico é de Daniel Ribeiro, Hoje eu quero voltar sozinho (Brasil, 2014). A trama retrata como o personagem principal Leonardo, que é um adolescente cego, deseja ser mais independente na vida. Além de lidar com suas limitações, também precisa se desvencilhar da superproteção da mãe. Mesmo assim, ele planeja fazer uma viagem de intercâmbio para seu crescimento pessoal. Porém, a chegada de Gabriel, um novo aluno na escola, desperta sentimentos até então desconhecidos.

Em meio a estes percalços cotidianos, Leonardo ainda é vítima de bullying homofóbico por seus colegas de sala, que fazem piadas de mal gosto, chegando até, em um dado momento da trama, em que o protagonista é jogado ao chão da escola, justamente em decorrência de uma destas “brincadeiras” de seus “colegas”.

O filme se mostra adequado para estudantes na faixa etária entre 14 e 16 anos de idade, pois com suavidade e delicadeza, Daniel Ribeiro aborda os temas bullying e homofobia. A película possibilita a inserção de relevantes debates em sala de aula, principalmente no tocante aos problemas sofridos pelas minorias nos ambientes escolares e no que tange aos estereótipos reproduzidos. Conforme ratifica Arthuso (2016), a trama de Daniel Ribeiro se apropria de estratégias de melodrama para abordar a inclusão das minorias no ambiente escolar, sobretudo as consequências do bullying.

Outro fator de destaque é que não há uma sexualização dos personagens, que ainda estão na fase das descobertas da adolescência. Para o autor, esse aspecto abre um leque de possibilidades para a reprodução da obra em distintos espaços educativos, uma vez que a intenção da narrativa é problematizar as consequências da intolerância na escola. Entretanto, é necessário que os docentes respeitem a classificação indicativa do filme exibindo em sala de aula de acordo com a faixa etária dos discentes, a fim de possibilitar maior compreensão da temática abordada.

---

<sup>23</sup> A sigla LGBTQIAPN+ engloba pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer (questionando), intersexo, assexuais/arromânticas/agênero, pan/poli, não binárias e mais.

A segunda produção audiovisual proposta para utilização didática é o filme *Close* (Bélgica, 2022) do diretor Lukas Dhont. O filme se refere aos efeitos nefastos do bullying homofóbico, apresentando como esses se manifestam de maneira diferente na vida dos dois protagonistas. A trama começa registrando a amizade entre Léo (Eden Dambrine) e Rémi (Gustav De Waele), dois meninos que se conhecem desde a infância, e que passam a maior parte do tempo juntos, seja brincando, andando de bicicleta, ou até mesmo dormindo na mesma casa. Nem eles e nem a família de ambos enxerga algum problema nessa amizade, mas as coisas se transformam quando se inicia um novo ano escolar.

No colégio, a proximidade dos garotos chama atenção dos demais colegas, que começam a questioná-los se eles são um casal. Enquanto Rémi ignora os boatos, Léo nega veementemente e fica incomodado com tal situação. É a partir daí que ele começa a se afastar do amigo lentamente, sem dar muita explicação para sua atitude. Primeiro, ingressa em um time de hóquei, depois, não o espera para irem juntos à escola e assim vão surgindo outras desculpas para o seu suposto afastamento.

Tal distanciamento repentino magoa Rémi, que fica sem entender o que está acontecendo entre eles. Então, questiona o amigo, que não lhe dá mais explicações. Nesse contexto, o sentimento entre os garotos é afetado por várias mudanças: do amor de amigos à raiva, passando pela inveja e pela indiferença. Com o avançar da trama, Rémi, em razão do sofrimento, isola-se no banheiro de sua casa e comete suicídio.

É exposto, então, o lado mais sombrio da homofobia na escola. O suicídio desse personagem, além de muita comoção, gera uma gama de discussões em torno do silenciamento das emoções, fato que pode levar as vítimas de bullying a esse ponto trágico. Sofrem aqueles que conhecem e convivem com a vítima; sofre a sociedade, que se vê impelida a enfrentar essa problemática. A partir desta produção cinematográfica, é possível discutir no ambiente escolar como as ações discriminatórias são dolorosas e podem causar danos irreparáveis.

Narrativas como essas correlacionam conteúdos que envolvem a temática da sexualidade na adolescência a partir do enfoque da diversidade sexual. Por isso, a partir dos filmes, é possível levar os educandos a refletirem sobre as questões que envolvem as manifestações da homofobia e os comportamentos excludentes na sociedade. Ambos os filmes reforçam de maneira exemplar o papel da ficção no contexto escolar como rico

instrumento de combate à homofobia na escola. Nosso propósito é inspirar docentes para uma futura ação pedagógica junto aos educandos de modo a propiciar debates sobre a homofobia nas escolas, uma vez que a linguagem cinematográfica pode colaborar no entendimento dos jovens estudantes.

## **O Uso de Filmes no Trabalho de Superação do Bullying Homofóbico**

A escola é um local propício para o debate das questões relacionadas à homofobia, pois como afirma Tessarioli (2013), as instituições de ensino têm um papel complementar à educação recebida pela família e aos letramentos sociais que acontecem durante a vida, corroborando com a educação informal e tendo possibilidade tanto de reafirmar, como de se contrapor às influências dos educandos. Assim, o cotidiano escolar pode favorecer a continuidade dos preconceitos ou auxiliar na ruptura de discriminações concebendo o respeito no espaço escolar para a consolidação de um convívio social pacífico.

Se a sociedade é permeada por preconceitos, urge, portanto, construir uma escola consciente da diversidade, a fim de se garantir que as minorias tenham uma cidadania plena, e isto começa pelo combate às intolerâncias. Nesse sentido, é preciso debater, em ambiente escolar, as questões relacionadas à homofobia, pois de ações dessa natureza dependem a garantia dos direitos fundamentais dos indivíduos e sua dignidade na escola e fora dela. Somente o conhecimento acerca desses direitos possibilita o pertencimento à sociedade e a vivência de sua condição sexual sem que sofra violências por suas escolhas.

Os debates sobre os temas sexualidade e gênero na escola são constantemente evitados entre docentes e estudantes, num reflexo do pensamento conservador que avançou nos últimos quatro anos em nosso país. Mesmo com as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para que ocorram na escola discussões sobre a sexualidade, o tema ainda é envolto em muitos tabus, constituindo-se alvo de inúmeros ataques políticos e de autoridades religiosas, que muitas vezes inviabilizam as discussões. É como se falar da questão tivesse um aspecto “doutrinário” despertando desconfortos e interditos em relação ao tema.

Junqueira (2009) menciona uma pesquisa realizada pela UNESCO, no ano de 2004, a respeito do perfil dos professores brasileiros. Dos cinco mil entrevistados, 59,7% consideram inadmissível a prática da relação homossexual; 21,2% não gostariam de ter vizinhos homossexuais (UNESCO, 2004, p. 144 a 146). Essa pesquisa aponta que muitos professores que atuam no Brasil apresentam comportamentos homofóbicos, já que se alinham ao discurso social da heteronormatividade e condenam qualquer forma de expressão sexual que destoe do modelo aceito como padrão hegemônico. Profissionais docentes que reproduzem em suas práticas educativas discursos preconceituosos em nome de religião, política ou valores tradicionais não atuam no combate à intolerância, visto que não sabem lidar com as diferenças de gênero. Esses professores mantêm na invisibilidade e no silenciamento sujeitos historicamente reprimidos e oprimidos em suas sexualidades alimentando as discriminações e os condicionamentos socioculturais.

Conforme estabelecem os PCNs do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, a abordagem da orientação sexual na escola deve ser atrelada ao contexto histórico para debate de suas implicações.

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Orientação Sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social. As crianças e adolescentes trazem noções e emoções sobre sexo, adquiridas em casa, em suas vivências e em suas relações pessoais, além do que recebem pelos meios de comunicação. A Orientação Sexual deve considerar esse repertório e possibilitar reflexão e debate, para que os alunos construam suas opiniões e façam suas escolhas (Brasil, 1998, p. 67).

Por este motivo, não é silenciar ou ignorar as questões, mas buscar novas estratégias para inserção da temática com ênfase nas consequências da intolerância no espaço escolar. Isto é urgente, visto que os estudantes buscam informações em muitas fontes, nem sempre confiáveis. Em decorrência das subinformações ou distorções provocadas por estigmas e preconceitos, a escola deve agir como instituição norteadora orientando sobre a realidade da diversidade sexual. Junqueira (2009) argumenta que o enfrentamento da homofobia na escola passa, também, pela elaboração e execução de pesquisas que atentem para os dados da violência homofóbica na educação brasileira,

pois tal iniciativa pode materializar ações de combate a essa prática. A formação docente deve ser aprendizado para o acolhimento e a valorização da diversidade. Portanto, novas atitudes na escola não nascem do improviso, nem repentinamente, mas são construídas processualmente, através da formação que repensa seus modos de atuar. Daí ser necessária uma formação que considere a diversidade de gênero e a sexualidade.

Mas sabemos o quando é difícil para os professores inserir temáticas tão sensíveis como a da homofobia em sala de aula. Por isso, acreditamos que as obras fílmicas apresentam um potencial significativo nesse processo de desconstrução dos estereótipos, uma vez que dão margem a reproduções do mundo social apresentando narrativas comuns a muitas pessoas que enfrentam as dores do preconceito.

Para que este potencial seja viabilizado, ancoramo-nos no que afirma Domingues (2017), quando assinala que é importante observar que a utilização pedagógica dos filmes agrega valor às aulas tradicionais, podendo reforçar ou ilustrar os conteúdos curriculares. Portanto, a atividade com filmes em sala de aula deve ser acompanhada de um planejamento para determinar suas finalidades de modo que a experiência possibilite aprendizados contextualizados.

Dessa forma, é necessário que o professor atue como mediador do conhecimento, levando o estudante a aprender a pensar, a questionar e a refletir, e não simplesmente receber passivamente as informações (Bulgraen, 2010). Posicionar-se é muito importante no combate a qualquer tipo de preconceito, pois aquele que pensa por si mesmo e é capaz de formar suas próprias opiniões, dificilmente concorda com ideias previamente concebidas, ou legitima os preconceitos repassados por gerações.

Os filmes são poderosas fontes de ensino-aprendizagem e, se usados de forma correta, traz inúmeros benefícios, especialmente por traduzir situações complexas, tornar assuntos e temas não compreendidos em algo de fácil compreensão (Kochhann et al., 2016). Na mesma direção, Souza (2006, p. 9) entende que “[...] o cinema é um rico material didático. Agente socializante e socializador, ele desperta interesses teóricos, questionamentos sociopolíticos, enriquecimento cultural”.

Costa (1987), por sua vez, considera que as narrativas fílmicas, além de cultura, arte e entretenimento, são também vitrines e espelhos, pois permitem a observação das mais diversas realidades, além de possibilitar que os espectadores se reconheçam nas

cenar e nos personagens. Isso torna um filme um válido dispositivo pedagógico, já que as produções cinematográficas podem ser avaliadas como textos, agregando imagens em movimento que exemplificam as temáticas causando identificação e comoção em quem assiste (Duarte, 2002).

Assim, o cinema traz amplas possibilidades educativas pelo fato de sua “leitura” de mundo ir além daquela propiciada por um texto didático. As linguagens visual, verbal e sonora, além do enredo e dos personagens, há também os efeitos visuais e sonoros que, lidos e analisados por quem assiste, produzem diferentes pontos de vista (Christofolletti, 2009).

Desse modo, os filmes são ferramentas interpretativas que facilitam o processo de ensino e aprendizagem ao retratarem a diversidade do mundo, e, por meio de uma linguagem sedutora e sutil, estimulam reflexões com finalidades pedagógicas (Oliveira et al., 2012).

## Considerações Finais

O propósito de utilização do cinema como ferramenta didático-pedagógica para letramento sobre o bullying homofóbico é uma das maneiras discursivas de efetivar a produção do conhecimento na educação. Pode auxiliar, ainda, na reflexão e mudança de condicionamentos nocivos que reverberam conflitos e violências. As questões relacionadas ao bullying, na maior parte dos casos, são derivadas de preconceitos repassados por gerações, o que enrijece a compreensão dos indivíduos sobre a diversidade e impede sua aceitação sobre outras condições humanas existentes. Se a família, a Igreja e a escola são instituições formadoras de novos cidadãos, precisam ser ressignificadas no sentido de sustentar a vida coletiva em bases de respeito para que os direitos humanos sejam respeitados.

A violência homofóbica não é ficção; ela está perto, e tem nomes e rostos. Nas nossas práticas educativas é possível encontrar estudantes excluídos e insultados devido à sua orientação sexual. Crianças e adolescentes que ainda não compreendem os significados de uma identidade sexual são agredidos física e psicologicamente no espaço escolar, em razão das demonstrações de comportamentos afeminados, quando meninos,

e masculinizados, quando meninas. São indivíduos discriminados na escola antes mesmo de se perceberem ou se entenderem como gays ou lésbicas. Urge, então, enfrentar o desconhecimento a partir da sala de aula.

Nesse intuito, as duas produções do cinema sugeridas funcionam como aportes na difícil missão de discutir a homofobia na escola e prioritariamente atuar na prevenção das agressões, inspirando um ambiente escolar seguro para os educandos. Mas é preciso que os filmes sejam acompanhados de um planejamento pedagógico para que possam alcançar os propósitos formativos. Enfim, a apropriação do cinema em sala de aula deve ultrapassar os limites do entretenimento a fim de explorar o seu máximo potencial discursivo e reflexivo na direção de uma escola acolhedora e capaz de ensinar/praticar o sentido da alteridade.

## Referências

António, R. et al. (2012). Homophobic bullying in school context in Portugal. *Psicologia*, 26(1), 17-32.

Borrilo, D. (2010). *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Autêntica.

Bulgraen, V. C. (2010). O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. *Revista Conteúdo*, 1(4), 30-38.

Christofoletti, R. (2009). Filmes na sala de aula: Recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação? *Revista de Educação*, 34(3), 603-616.

Costa, A. (1987). *Compreender o cinema*. Editora Globo.

Duarte, R. (2002). *Cinema e educação*. Autêntica.

Ferrari, A. (2003). Revisando o passado e construindo o presente: O movimento gay como espaço educativo. *Revista Brasileira de Educação*, 1(25), 105-115.

Freire, Paulo. (1989). *A importância de ler*. Cortez.

Junqueira, R. D. (2009). *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas*. UNESCO.

Kochhann, A. et al. (2016). A importância do filme em sala de aula e o Guia GEFOP: Uma proposta didático-metodológica mediante a extensão universitária e pesquisa. In *Anais III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG — Inovação: Inclusão Social e Direitos*. Universidade Estadual de Goiás.

Louro, G. L. (2010b). Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In G. L. Louro, J. Felipe, & D. V. Goellner (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Vozes.

Oliveira, P. M. P. et al. (2012). Uso do filme como estratégia de ensino-aprendizagem sobre pessoas com deficiência: Percepção de alunos de enfermagem. *Esc. Anna Nery*, 16(2), 297-305.

Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Tema Transversal Orientação Sexual. MEC.

Sousa, A. L. A., Queiroga, C. V. A., & Timóteo, L. M. (2006). O papel da escola no enfrentamento da homofobia. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, 2(Supl.), 408-419.

Street, Brian. (2014). *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*, (M. Bagno, Trad.). Parábola.

Tessarioll, G. M. (2013). Todos a favor da educação sexual. In H. C. F. Ribeiro et al. (Eds.). *As minhas, as suas, as nossas sexualidades*. CEPCoS.

UNESCO (2013). *Resposta do setor de educação ao bullying homofóbico*.